

SIMONE MOUTINHO PRADO

A PROPÓSITO DA RESERVA EXTRATIVISTA DE PESCA ARTESANAL MARINHA DE
ARRAIAL DO CABO/RJ: QUANDO AS MINHOCAS VIVEM DE PEIXES,
'SER CABISTA É SER PESCADOR'.

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum
de Pesquisa 3: "Conflitos Socioambientais e
Unidades de Conservação".

BRASÍLIA

Julho de 2000

Arraial do Cabo é uma cidade litorânea do extremo leste do Estado do Rio de Janeiro, localizada entre os 22°56' e 23°1' de latitude sul e 41°57' e 42°17' de longitude oeste. Como o nome indica, trata-se de um acidente geográfico, uma ponta de terra em direção ao mar. Na realidade, o solo local é composto basicamente de cordões arenosos, vulgarmente chamados de restingas, entre morros que foram provavelmente ilhas e ilhas propriamente ditas¹.

Inicialmente, em maio de 1997, cheguei na cidade com o propósito de acompanhar a implantação de uma experiência piloto, a saber, a primeira Reserva Extrativista de Pesca Artesanal Marinha do Brasil (RESEX)². E, dando continuidade à minha experiência etnográfica na região, realizei no PPGACP da UFF dois outros trabalhos de curso sobre o segmento social dos natos originais, ou seja, dos que já habitavam a cidade antes do enorme fluxo populacional oriundo de todas as partes do Brasil, por conta da oferta de trabalho da Companhia Nacional de Álcalis (CNA).

Neste trabalho a proposta é discorrer sobre um segmento original de nativos, que chamei de “descendentes do isolamento”, devido não só à morfologia do Cabo, mas pelo caráter histórico e contextual de sua imigração. Praticamente apartado do continente, o Arraial até a década de 1960 não conhecia estradas. Os caminhos que levavam até ele, ou para fora dele, eram através de montes de areias, fossem elas da Praia do Pontal, que outrora recebera o nome de Praia do Burro³, por conta dos comerciantes ambulantes que freqüentemente por ela transitavam, rumo a Cabo Frio, ou pelos mais de trinta quilômetros da Praia de Massambaba, rumo a Saquarema. O Arraial era 4º distrito do município de Cabo Frio⁴, e este só está ligado ao continente⁵ através de uma ponte que chamava-se Presidente Feliciano Sodré, e que atualmente é conhecida como ponte do Ambrósio.

¹ SUGUIO, Kenitiro e TESSLER, Moysés. Planícies e cordões litorâneos quaternários do Brasil: origem e nomenclatura. In, Trabalhos apresentados durante o simpósio sobre restingas brasileiras pelo programa de Geo-Química da UFF. LACERDA, Luiz Drude (org.). Restingas; origem, estrutura, processos. Niterói: CEUFF, 1984. p. 15-25.

² Para a elaboração de seu projeto o Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) contou com a assessoria técnica do Núcleo Fluminense de Pesquisas (NuFEP), da Universidade Federal Fluminense (UFF), através dos doutores Roberto Kant de Lima e Marco Antônio da Silva Mello, como também do estudante Delgado Goulart da Cunha. Sobre o tema apresentei um trabalho na XXI reunião da Associação Brasileira de Antropologia.

³ Paralelo a esta Praia foi construído, no final da década de 1930, o caminho de Santiago; uma rua de chão que cortava a restinga de Cabo Frio: “margeando o brejo do Cafoto, rompendo a Travessa dos Veados, depois de transpor o Braga, desviando-se dos cômodos para atingir o Miranda.” In, MASSA, Hilton. Cabo Frio: nossa terra, nossa gente. Cabo Frio, 1967. p. 172.

⁴ Sua emancipação foi em 13 de maio de 1985.

⁵ Diz Hilton Massa: “o *insulamento* em que, desde 1920, com a queda da velha ponte de ferro, permaneceu a cidade, representou seis longos anos de martírio e de atraso para o município”. A ponte Feliciano Sodré teria sido inaugurada em 1926. Mas ressalve-se que sem a ponte não havia outra forma de contato com o continente. Ibid. p. 152, nota 3. Grifo meu.

Lembro que o termo “*isolado*” tem significação⁶ peculiar nos pressupostos analíticos dos primeiros etnógrafos que trabalharam na região, durante⁷ e depois⁸ da implantação do complexo industrial para a produção de barrilha e soda cáustica da CNA. Como tipos ideais weberianos os conceitos de cultura civilizada e cultura de “*folk*” são antagônicos⁹, pois a civilização se distingue do isolamento por seu caráter relacional, no sentido cosmopolita. Os civilizados sabem ler, sua sociedade é complexa e possui alto grau de mobilidade. São impessoais, heterogêneos, seus costumes são fluídicos e como indivíduos não se podem mais controlar rigorosamente no que diz respeito aos hábitos, posto que nas atividades sociais em geral se encontram muito pouco. Em suma, há muita mudança e desorganização pessoal e social.

Sem trabalhar sobre dicotomias¹⁰, me proponho a discorrer sobre os significados da tradição, principalmente sob a ótica da experiência de vida dos natos que, de acordo com a idade, servem de testemunhos vivos do processo de transformação ocorrido. O registro dos depoimentos e, por assim dizer, das reflexões nativas, sobre os costumes “tradicionalistas” e as transformações que neles ocorreram, referem-se às suas práticas profissionais, domésticas e relacionais. E serve de suporte para a construção do mosaico polifônico, onde se imbricam memória e identidade.

⁶ O termo *isolado* é sinônimo do que vulgarmente foi chamado de *folk*. Encontra-se em Pierson a seguinte definição para o termo, ou seja, para a dita “cultura de *folk*”: “a de um povo rural, *isolado*, preletrado, provinciano, com pouca mobilidade, e cuja sociedade é simples, homogênea, bem integrada e baseada em relações de “*status*” e de parentesco; onde os costumes, transmitidos apenas oralmente de geração em geração, tendem a ser uniformes, cristalizados, e a dirigir quase completamente os hábitos dos indivíduos em apreço; onde os contatos são predominantemente *primários*, os indivíduos têm “*status*” predeterminado ao nascer, encontram-se, um ao outro, em quase todas as situações de suas vidas, e compartilham de quase todas as suas respectivas experiências; onde há o máximo de estabilidade e de *acomodação* social e pessoal, o mínimo de *mudança e desorganização social* e pessoal”. Grifos do autor. PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia*. 12.^a ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, Biblioteca de Educação, 1970. pág. 324.

⁷ Diz o rascunho de um documento de 30/10/55 destinado à um “Senhor Diretor”, que encontrei na residência de Heloísa Alberto Torres: “1. Em 1953, o Museu Nacional empreendeu uma pesquisa ecológica no Arraial do Cabo, tendo em vista a publicação de um trabalho monográfico sobre a região; 2. A direção do Museu deliberou, então, promover concomitantemente com os trabalhos de pesquisa o treinamento de estudantes, botânicos e antropólogos; 3. O treinamento dos botânicos ficou a cargo do Doutor Segadas Vianna; para o dos antropólogos, o Diretor obteve os serviços do Doutor Carl Withers; 4. Foram admitidos sucessivamente para treinamento antropológico os Srs. L. F. Fontenelle, Cid Loureiro Neto e Geraldo Markan, respectivamente, alunos da Faculdade Nacional de Filosofia, do Curso de Museu do Museu Histórico Nacional e da Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal; também no primeiro mês de estudos, trabalhou sob a direção do Doutor Castro Faria, o seu aluno Edison Chaves; [...]”

⁸ VASCONCELLOS, Marina São Paulo. *Mudanças sócio-culturais em Arraial do Cabo*. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, p. 169-174, jul./dez. 1962. E seu sócio explícito: ARAÚJO, Danton Moreira de. *Última estada em Arraial do Cabo*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: v. 1, n. 1, págs. 211-214, jan./dez. 1965.

⁹ PIERSON, 1970. págs. 322 e 324, nota 9.

¹⁰ Assim, quando eu utilizar o termo comunidade, meu propósito não é heurístico, ou seja, não é com o objetivo de distinguir “comunidade” de “sociedade” como método analítico.

Ao rememorarem os costumes do passado e alguns fatos nele acontecidos, os natos do Cabo que se dispuseram a ser interlocutores, contribuíram com seu fragmento de memória individual para refazer o que chamam de “sua tradição”, tal qual, como se lê em Becker¹¹, cada um dos membros do grupo de pesquisadores, a propósito do conhecimento reunido por eles sobre Chicago, somaram com Robert Park dados para a construção do mosaico teórico da cidade.

A chegada da industrialização, com a implantação da Companhia Nacional de Álcalis, entre fins da década de 40 e na primeira metade da década de 50, produziu um contexto “modernizante” para os natos, com novos ritmos e modelos de trabalho e produção. Na segunda metade da década de 50, e por toda a década de 60, em um segundo movimento, os fluxos contínuos de imigrantes e turistas, inserem padrões de comportamento e valores.

O Arraial também é descoberto nestas décadas por cientistas sociais, interessados em acompanhar de perto o processo de industrialização, posto que na época este tema se apresentava como obrigatório para a antropologia, enquadrando-se na categoria de Mudança Social¹². A preocupação era desvelar o “impacto da tecnologia” sobre as “culturas tradicionais”, sob o pressuposto da “aculturação”¹³, na análise dos estudos referidos as relações de contato.

Na introdução de seu livro, uma etnografia, sobre Arraial do Cabo, Fontenelle¹⁴ conta que o Museu Nacional reuniu neste local um grupo de pesquisadores entre julho de 1953 e abril de 1955, com os auspícios da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a orientação do Dr. Carl Winters, na qualidade de professor visitante. O alvo e o decorrer dos trabalhos destes pesquisadores, da área de Antropologia Social, eram definidos na época como “Estudos de Comunidades” e conformavam-se aos pressupostos de Charles Wagley em “Brazilian

¹¹ BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: HUCITEC, 1994. págs. 101-115.

¹² “O legado intelectual das décadas de 40 e 50 no Brasil é, certamente, dos mais significativos em imaginação sociológica. De Florestan Fernandes à Guerreiro Ramos, de Arthur Ramos à Renê Ribeiro, de Costa Pinto à Oracy Nogueira, todos, de alguma maneira, dedicam-se à sociologia dos contrastes: tradição/modernidade, rural/urbano, escravidão/liberdade, democracia racial/discriminação racial. Passar o Brasil a limpo parece ser o grande desafio daquelas décadas. Todavia, por alguma injustiça dos deuses ou dos homens, dos muitos notáveis dessa geração, apenas poucos tiveram seu nome e obra devidamente reconhecidos.” GRIN, Monica e MAGGIE, Yvonne. *Jornal do Brasil*, sábado, 2 de janeiro de 1999.

¹³ FOSTER, George. As culturas tradicionais e o impacto da tecnologia. São Paulo: Fundo de Cultura, 1964. págs. 13-19.

¹⁴ FONTENELLE, L. F. Raposo. A dinâmica dos grupos domésticos em Arraial do Cabo. Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1960.

Community Studies: a methodological evaluation”. A saber, a comunidade cabista deveria ser encarada como um segmento localizado de uma civilização complexa, o que quer dizer, como uma “part-society” e uma “part-culture”, no sentido empregado por Robert Redfield para os pequenos núcleos que pontilham as zonas rurais, ou seja, como uma pequena unidade bem delineada dentro de uma unidade maior sem demarcações precisas: a imagem é de uma espiral de civilização¹⁵ no interior da grande nação brasileira.

Contava-se com o abandono da pesca artesanal no local, a partir da adoção das novas técnicas de produção industrial que estavam sendo inseridas. Foram utilizados, nesse empreendimento, vários métodos de pesquisa, desde os quantitativos da sociologia aos qualitativos da etnologia, com o objetivo de produzir, através dos etnólogos participantes, uma reformulação do próprio método analítico empregado: aplicando observações experimentadas em tribos primitivas em segmentos locais de culturas modernas. “A pesquisa que é levada a cabo por Withers, e os sócios dele do Museu Nacional, tem como meta o estudo de uma comunidade onde se espera que brevemente se experimente modificações sociais e econômicas abruptas.”¹⁶

Castro Faria, que também participou dessa equipe de pesquisadores que trabalharam no Arraial, despe o rei de forma rápida e sucinta: havia “então os programas com financiamento do Departamento de Estado, para dirigir e apressar a mudança, a chamada mudança dirigida”¹⁷. Cabe lembrar de uma citação de George Foster, no tocante à construção de “uma antropologia aplicada”¹⁸, onde a mudança era um:

“campo de ação com vistas à ampliação do mercado de produtos industrializados, produzidos em massa. A problemática obrigatória

¹⁵ REDFIELD, 1956 apud FONTENELLE, 1960. pág. 8.

¹⁶ WAGLEY, 1955 apud FONTENELLE, 1960. pág. 7.

¹⁷ Em texto ainda não publicado, distribuído pelo autor no curso que ministrou durante o primeiro semestre de 1997, no PPGACP/UFF, sob o título: “Antropologia das sociedades complexas — dos estudos de comunidade aos estudos em comunidades”. Grifos do autor.

¹⁸ A “antropologia aplicada”, diz Laplantine, “não é uma grande novidade. É por ela que, com a colonização, a antropologia teve início.” E continua: “está diretamente confrontada hoje a um movimento de homogeneização, ao meu ver, sem precedentes na História: o desenvolvimento de uma forma de cultura industrial-urbana e de uma forma de pensamento que é a do racionalismo social. Eu pude, no decorrer de minhas estadias sucessivas entre Berberes do Médio Atlas e entre os Baulés da Costa do Marfim, perceber realmente o fascínio que exerce este modelo, perturbando completamente os modos de vida (a maneira de se alimentar, de se vestir, de se distrair, de se encontrar, de pensar e levando a novos comportamentos que não decorrem de uma escolha).” LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. págs. 28-29.

impôs um ônus pesado — a subordinação aos projetos prontos, embalados e com instruções para uso”.¹⁹

Entenda-se este “uso” como uma expectativa da tecnocracia brasileira, que esperava dos quadros profissionais das instituições científicas um investimento maciço na formação de novos técnicos, direcionados para atender as demandas advindas do progresso acelerado.²⁰

Não avaliarei os resultados das pesquisas realizadas em 1953; todavia, abro espaço aqui para explicitar um pouco da influência dessa equipe profissional dentro da comunidade. Joaquim de “Gorgulho” é proprietário de uma escola particular chamada Heloísa Alberto Torres, trata-se de uma homenagem a esta ex-diretora do Museu Nacional, que tornou-se sua amiga. Quando lhe pedi uma entrevista ele foi bastante receptivo e disse: “— *Sempre quis falar do processo de mudança social que houve aqui, eu o chamo ‘da anchova ao salário mínimo’.*” Com empolgação Joaquim continuou:

“— Antes da Álcalis, estava o Arraial do Cabo, entre o indígena e a civilização propriamente dita. A alimentação era peixe, não tinha as partes sanitárias nas casas, poucas casas tinham vaso sanitário, eram sempre feitos no quintal, cercados de matos, onde o pessoal se servia ali, a água era retirada em cacimbas na Praia Grande, onde uma lata d’água de 20 litros dava quase para a família inteira.”

“— Eram muito primitivos os nossos hábitos, vivíamos de peixe cozido ou assado, o arroz estava chegando, também, o feijão, macarrão, batata, essas coisas assim. A carne de gado, era feita uma listagem, para vender 15 arrobas, depois que se fazia a listagem, matava o boi e tirava a carne com osso né, filé-mignon não tinha não, a carne era o todo do boi. Uma semana depois que as pessoas comiam a carne é que vinha o cobrador, aquela pessoa que matou o boi, de casa em casa, cobrar a carne que ele fornecia. Isso era duas vezes por ano, exceto no sábado de aleluia que se

¹⁹ Idem.

²⁰ FARIA, L. de Castro. *A antropologia no Brasil. Depoimento sem compromissos de um militante em recesso*. In, Anuário Antropológico 82. Fortaleza: Edições UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. págs. 228-250.

matava um porco e tal, fora isso era o Natal e a Festa de Santa Terezinha²¹ que tinha carne.”

Percebe-se que no “cientificismo” de Joaquim, adquirido na convivência com seus amigos etnógrafos, não é só a ausência de banheiro e de água, dentro das casas, que remete a apropriação do termo primitivo, evidencia-se que a referência da qual se serve como motor para seu argumento é o antes da indústria, ou seja, eram quase “índios” porque viviam do extrativismo. O progresso, advindo com a instalação CNA, se apresenta como a forma desejada, dentro de uma sucessão de fatos que o levam por um caminho único, até a civilização. No contexto civilizado, o conforto material que reorganiza a casa, é fruto da inserção no modo capitalista de produção, que quando projetado sobre a forma de produção anterior, que havia no local, a faz tomar a aparência de obsoleta. E ao se tornar obsoleta, não pode ser encarada apenas como uma maneira de produção diferente, porque a obsolescência é um obstáculo para a ideologia do desenvolvimento, que almeja homogeneizar todo o

²¹ Na realidade a Festa de Nossa Senhora dos Remédios era mais importante do que a festa de Santa Terezinha, já que a primeira é considerada a padroeira de Arraial do Cabo. Tudo me leva a crer que essa informação que junta Semana Santa, Natal e festa de Santa Terezinha como principais festas seja por conta do interlocutor residir na Praia Grande, posto que a igreja de Nossa Senhora dos Remédios está instalada na Praia dos Anjos.

No dia 18 de outubro se comemora o dia de Nossa Senhora dos Remédios com alvorada, banda, barraquinhas, leilões, procissão, shows e queima de fogos. Consta, via documentação comemorativa baseada nos depoimentos dos fiéis, e esses em seus ancestrais, que a primeira igreja de N. S. dos Remédios foi feita de pau-a-pique. Mais tarde ela foi construída em pedra, e hoje pode-se dizer que já sofreu muitas reformas graças à ajuda de pescadores, tendo por principais mentores Fernando Barros Pessoa, que morava na casa em frente a igreja, e o Dr. Raimundo de Castro Maia, antigo dono da casa da Piedra. Também consta que o Conde D’Eu, quando esteve no Arraial no ano de 1868, contribuiu para a reforma da igreja, e que Damião Teixeira, ao fazer a reforma do altar, encontrou uma placa com a data de 1516. Os técnicos consultados não confirmaram o significado desta data, mas supõe-se que seja a data de sua fundação. A igreja de N. S. dos Remédios teria sido fundada pelo português Antônio Luiz Pereira e por pescadores. A imagem da santa, embora tenha vindo de Portugal, era francesa, e teria ficado três anos lá (em Portugal) antes de vir para o Brasil. Com essa imagem teria vindo mais duas, uma para a ilha de Fernando de Noronha e outra para Parati, sendo que houve uma troca: a de Parati ficou em Arraial e a de Arraial foi para Parati.

Recentemente se realizava a festa de Santa Terezinha em dezembro mas ela era comemorada originalmente em outubro. O nível de suas atividades, tinha bastante similitude com a festa dedicada a N. S. dos Remédios: com missa solene, alvorada, banda, barraquinhas, leilões, procissão, shows e queima de fogos. O grupo responsável por sua organização era da igreja Sagrado Coração de Jesus, na Praia Grande. E essa igreja não tem a mesma “tradição” da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, inclusive seu prédio original já foi demolido e em seu lugar construído um novo, bem mais moderno. Afirma-se também que a iniciativa dos pescadores em construir uma igreja em outro bairro ocorreu em função de brigas, muitas confusões ou conflitos controlados, porém freqüentes, dizem que por política ou bairrismo, com os moradores da Praia dos Anjos. Foi uma família do Rio de Janeiro, que ofertou a imagem da Santa Terezinha, quando a então humilde capela possuía apenas três anos. Aliás, as imagens de Santo Antônio e de Nossa Senhora também foram doadas, só que por pescadores. Na verdade, o ano de 92 é o marco de seu fim, seguindo Dona Terezinha, membro do grupo Apostolado de Oração, e vista como uma das zeladoras desta igreja, a festa foi proibida pelo sacerdote local (em todo o Cabo só tem um padre), e que este por sua vez justificou-se alegando que já tem muitas festas na cidade.

território nacional, ora, a diferença aqui não é apenas uma característica de ser, para o modelo de capital industrial importado²², ela é desigualdade.

O viver de peixe, e não de carne e de arroz, refere-se a um tempo em que o “extrativismo primitivo” impunha um cultura distinta e autônoma, que Joaquim dá conta mas desvaloriza, como uma prática menor e atrasada, não que esteja preocupado com a nutrição, mas por ser uma economia que não atende aos interesses do grande mercado nacional e internacional. Antes da CNA, eram das pescarias que a comunidade subsistia, pois através do processo de conservação do pescado pela salga, se estabelecia comércio com a capital do Estado e com os municípios de economia agrícola próximos.

A produção de peixes salgados compunha um ciclo de relações “*fechadas*” e “*com caráter tradicional*” familiar²³. Para cada canoa e cada barco uma companhia²⁴, o que também quer dizer, uma associação de profissionais que se identificam como companheiros solidários. Cada companheiro contribuía não só com sua mão-de-obra, incluía no processo seus filhos, que ajudavam a “escalar”²⁵ em conjunto com moças e negros, depois, os meninos transportavam os peixes em jacás²⁶ até os paióis²⁷ de “salga”, onde as esposas dos pescadores assumiam suas funções de salgadeiras. Até 52 só havia peixe salgado, e mesmo depois da utilização do gelo ainda se continuou com a “salga” por um bom tempo.

Quando um nato diz de si que seus saberes eram “primitivos” ou “atrasados”, ele reflete o quanto assimilou do significado do termo “civilizado”, quando o viu ser usado pelos agentes de transformação social aos quais se submeteu. Seja ele oriundo do perfil desenvolvimentista do governo, que pode contar principalmente com militares, seja aplicado segundo os migrantes, que em sua maioria ocuparam posições dentro da CNA com maiores rendimentos; seja ele dos turistas que possuem, como alguns

²² A primeira fase da produção industrial da CNA começou em 03 de novembro de 1960, e seu consumo nacional era controlado pelo exército, através do decreto n.º 47.587. Logo em seguida, em 1961, a Companhia entra em crise por não encontrar mercado para sua produção, o carbonato de sódio importado livremente era muito mais barato. NUNES, 1968. pág. 69.

²³ WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Vol.1, 3º edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. pág. 27-29.

²⁴ “a companhia constitui, por assim dizer, o núcleo fundamental para o exercício da atividade produtiva, através dos equipamentos da ‘pescaria’ e dos conhecimentos que permitem a apropriação dos recursos.” KANT DE LIMA, Roberto e PEREIRA, Luciana Freitas. Pescadores de Itaipu: meio ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1997. pág. 164.

²⁵ Processo de limpar o peixe. Consistia em abri-lo totalmente, em um corte iniciado na cabeça e terminado no rabo, retirando as vísceras.

²⁶ Cestos especialmente adaptados com suportes de encaixe para dorso de animais, principalmente cavalos e burros.

migrantes, “as melhores casas” e, supostamente, “cultura”; seja através dos pressupostos acadêmicos direcionados pelos profissionais das ciências brasileiras, que passaram pelo Cabo, preocupados com os problemas teóricos do desenvolvimento social sob a moldura das influências estrangeiras, principalmente norte-americanas, sem esquecer que o financiamento para a construção da CNA foi francês.

As modificações dos “costumes”, em decorrência das injunções de mudança, que levam dona “Terezinha Rezadeira”, por exemplo, a dizer que *“a tradição de hoje é muito diferente da tradição de antigamente”*, é o pano de fundo de minhas observações. Chamo atenção para os significados da tradição, afinal lembrar é *“repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”*²⁸ é portanto, selecionar também, o que do passado é considerado importante para ser transmitido para o presente. Ser tradicional não tem por assim dizer um único significado, mas significados contextuais, meu propósito então é procurá-los e explicitá-los.

Comenta Paulo Franco:

“— Aqui o pessoal do Museu Nacional já foi fundo na parte que tange à etnologia daqui do Arraial do Cabo, porque eles chegaram aqui e se agruparam em barracas de lona lá no Pontal. Lá no Museu eles têm um material farto. Sabe como é o pescador, tá comendo agora e p’ra hoje dá, p’ra manhã Deus dará, então o pescador na realidade não tem previsão. Ele não se programa para o futuro, ele vive só de presente, então o pescador por isso é difícil de ser orientado.”

O ofício de pescador passa a ser desvalorizado dentro da comunidade, por filhos e netos de pescadores, por conta da incerteza dos resultados da pesca, como também, pela inconstância da administração de seus ganhos. O pescador se recusa a pensar no futuro, posto que seu produto tem renovação natural, dependente *“de uma ecologia de ciclos reprodutivos e migratórios”*²⁹ que pertencem a Deus³⁰. O amanhã

²⁷ A estrutura dos paióis, como a das casas, também era de madeira, só que não necessariamente barreada, porém, quase sempre coberta com palha de guriri, e no teto, como nas casas, a cobertura era de tiririca.

²⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. pág. 17.

²⁹ KANT DE LIMA, 1997. págs. 124-125.

³⁰ A divisão dos incertos “ganhos” da pesca se dá através de partes denominadas “quinhões”. A pesca de canoa, por exemplo, é dividida, atualmente, em 14 quinhões, sendo que “antigamente” era dividida em 15. Vejamos: 1 quinhão é da canoa (o que quer dizer do dono dela), 4 quinhões são da rede (o que quer dizer do dono da rede), 1 quinhão é a parte referente a cada pescador (como são 9 homens em cada

não faz parte da pescaria, e por assim dizer, de seu sistema econômico, não há por conta disto nenhuma “orientação”, no sentido sugerido por Paulo, ou seja, referido a uma projeção financeira.

Dona “Dulce” sobre sua vida de mulher de pescador diz:

“— Eu tenho nove filhos, quatro mulheres e cinco homens e só um sabe pescar, pesca com o pai mas não gosta de pescar e eu sempre digo p’ra ele não trocar o certo pelo duvidoso. A pescaria é muito duvidosa, tem época que dá e época que não dá, ela é incerta. Eu tenho uma filha em Niterói, uma no Rio, uma em Caxias e uma outra na Bahia³¹, tenho essa também que mora comigo; e dos homens, só um filho sabe pescar e não gosta, meu marido ‘força a barra’ para meu filho ser pescador mas ele não quer, ele quer um emprego.”

O modo de vida insular, desde a época “da anchova” até os dias de hoje, tempo “do salário mínimo”, foi completamente desvalorizado, faz parte do que “já era”, agora o passado convive com o presente como memória de velhos pré-letrados, considerados desqualificados e ignorantes. O Arraial não é mais um bem coletivo de seus naturais, os espaços físicos estão descaracterizados a partir de seus novos usuários, e os “costumes” estão permanentemente sendo recriados com as injunções de mudança social que chegaram e continuam chegando de fora, poucos são os resquícios práticos da “antiga tradição”.

Ser pescador é possuir um ofício tradicional, e por assim dizer, marginal, pelos sentidos que essa tradição assume dentro da ideologia modernizante instaurada no Cabo. A pesca passou a ser considerada, por alguns, como um refúgio de desempregados e último recurso para quem não quer passar fome. Na realidade a Álcalis, hoje privatizada, está em franca decadência, possuindo apenas cerca de 720 funcionários, sendo que destes, aproximadamente 200 são natos: 70 trabalham na administração, 50 são marítimos, 80 são técnicos, 3 ou 4 são supervisores e apenas 1 tem cargo de nível superior, trata-se de um engenheiro.

Fonte de renda informal, para a grande maioria não documentada, pois segundo os dados oficiais da Fundação de Pesca de Arraial do Cabo, nas 320 embarcações que existem no local, e estão incluídas aqui as de todos os tipos, de

companha, temos respectivamente 9 quinhões), o que totaliza 14; o quinhão que seria o 15 era destinado à Igreja, ou à caridade, ou seja, direcionada para a viúva e os filhos de um pescador falecido.

³¹ A fala ilustra também a migração de nativos, insatisfeitos com as condições materiais da vida local, que não oferece muitas oportunidades de emprego além da CNA.

canoas a botes, trabalham apenas 1.400 pescadores. Número menor foi fornecido pela Colônia Z5, fundada em 22 de abril de 1921, segundo “Manequi”, diretor do órgão, hoje devem existir: 150 pescadores de arrasto de praia, 1000 pescadores de linha e 80 de rede de traineira em barcos motorizados, 10 pescadores de mergulho e uns 30 marisqueiros. O que totaliza 1.240 pescadores. Mesmo que os dados, sobre a pesca documentada, não sejam exatos, nem muito menos verídicos, se levarmos em consideração a existência de um grande contingente de pescadores informais e não documentados, posso afirmar que no mínimo 8% da população subsiste da pesca³². Isto de modo grosseiro, posto que não inseri as crianças e as donas de casa que não trabalham, dependentes de pescadores que, com certeza, ampliam este percentual³³.

Além da Alcalis e do comércio, relativamente fraco fora das temporadas turísticas, que coincidem com as férias de janeiro e com o carnaval, somente os serviços públicos da prefeitura³⁴ e o serviço militar da marinha, que no local conta com o Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira, se apresentam como fonte de emprego. São as pescarias, portanto, que não permitem a existência da fome no local³⁵.

Com o objetivo de garantir a exploração auto-sustentável dos pescadores artesanais cabistas, e a conservação dos recursos naturais renováveis, foi criada por decreto, em 3 de janeiro de 1997³⁶, a primeira Reserva Extrativista Marinha do Brasil (RESEX)³⁷, em todo o entorno do Cabo³⁸. Com a implantação da RESEX, as coisas começam a mudar, as regras de utilização³⁹ dos espaços destinados às atividades

³² Segundo Almir Gurgel, em Arraial do Cabo, cerca de “60% da população vive direta ou indiretamente da pesca”. *Revista Municípios em Destaque*. Ano XIII, n.º 49, pág. 18. Maio de 1993.

³³ Entre os pescadores, “declaram-se solteiros 28%, contudo apenas 20% não possuem dependentes. 80% - solteiros ou casados declaram dependentes. 64% tem de 2 a 5 dependentes. Naturalidade: cabista 68%, região dos lagos 8%, norte do Estado do Rio de Janeiro 16% e Espírito Santo 8%”. A pesca oceânica no município de Arraial do Cabo – Elementos Sócio-Econômicos. INSTITUTO ACQUA/PETROBRÁS, PROLAGOS. Equipe técnica: Liamar B. Cerutti (economista) e Paulo Ribeiro (sociólogo), 1992.

³⁴ Com cerca de 800 funcionários, sendo que em época de eleições este número dobra, ou seja, chega a 1600.

³⁵ Além da pesca em si, encontra-se trabalho relacionado a ela nos frigoríficos, nas fábricas de gelo, nas peixarias e nos veículos de transporte; posto que são compradoras, do pescado cabista, capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo, como também os municípios de Niterói e Itaboraí.

³⁶ Publicado no diário oficial em 6 de janeiro de 1997, no uso da atribuição conferida ao presidente da república no artigo 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o que dispõe o art. 9º, do inciso VI, da Lei 6.938, de 31 de agosto de 1981, e o Decreto n.º 98.897, de 30 de janeiro de 1990.

³⁷ Em Florianópolis existe a Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé, mas ela não é em mar aberto, como no Cabo, se localiza na parte interna da ilha, entre ela e o continente, em um estuário, na área onde desemboca o rio Tavares, e por assim dizer, é praticamente coberta por um espaço de manguezal.

³⁸ Lê-se no art.1º do decreto: “compreendendo um cinturão pesqueiro entre a Praia de Massambaba, na localidade de Pernambuco e a Praia do Pontal, na divisa com Cabo Frio, incluindo a faixa marinha de três milhas da costa de Arraial do Cabo”.

³⁹ As regras de utilização dos espaços, dentro de uma RESEX, definem-se em um “Plano de Utilização”, que é seu principal regulamento, pois é nele que estão descritas as regras de uso dos recursos naturais, bem como os direitos e os deveres de todos que nela e dela vivem.

pesqueiras, mesmo as tradicionais, passam a ser explicitadas e discutidas com o objetivo de criar um plano de utilização que contemple os interesses das diferentes modalidades de pesca que existem, além de organizarem o uso geral dos espaços marinhos pela comunidade, ou seja, regulando, por exemplo, as atividades relacionadas ao mergulho turístico. O que de mais significativo se evidencia então, é que passa a ocorrer um movimento de revalorização e retorno para as raízes do ofício de pescador, mas neste caso, o IBAMA foi o principal agente de transformação, ao resgatar a pesca artesanal tradicional como o modo de produção mais viável e adequado a subsistência econômica da região⁴⁰.

A idéia da RESEX de Arraial do Cabo, que antes de ser decreto foi projeto, surgiu com o biólogo Fábio Fabiano, responsável pelo posto avançado do IBAMA no local, e ele contou, para este empreendimento, com a colaboração de pesquisadores da UFF, que lhe prestaram assessoria técnica⁴¹. Fabiano, ao estimular o controle dos espaços marinhos e alertar para a destruição que as técnicas industriais predatórias imprimem na natureza, na defesa do campo de trabalho do pescador cabista, promoveu a articulação política de uma liderança interna⁴², além de ser o diretor da RESEX. Gosto e acho pertinente compará-lo com “Chico” Mendes⁴³, por conta dele estar no centro de uma série de conflitos. Após a criação da RESEX, os industriais da pesca⁴⁴ ficaram inconformados⁴⁵, não aceitando sua exclusão na exploração dos recursos marinhos da região, de modo que as ameaças de violência sempre ocorreram, chegando mesmo a vias de fato, com o naufrágio, criminoso, do barco do

⁴⁰ Lê-se no plano de utilização da RESEX que: “o conceito de ‘sustentabilidade’ é definido aqui como a implantação e a consolidação de atividades produtivas que permitem a reprodução permanente das espécies aquáticas animais ou vegetais que tenham no mar seu normal ou mais freqüente meio de vida, bem como sua regeneração completa, e que possibilitem à população local viver em condições de crescente qualidade e dignidade”. Instituto brasileiro do meio ambiente e dos recursos naturais renováveis, portaria n.º 17-N, de 18 de fevereiro de 1999. Ministério do Meio Ambiente: publicação oficial n.º 34, segunda-feira, 22 de fevereiro de 1999.

⁴¹ Como mencionei na nota 2.

⁴² Um grupo de pescadores que assumiram, através de eleições, a Associação dos Pescadores Tradicionais da RESEX. São eles: José Maria de Carvalho (Zézinho), Silas Dias Pereira, Cláudio Elir Moreira de Souza (Melão), Dijalma Inácio Rapozo, Manoel Félix Cardoso (Bié), Edilson Andrade da Costa, Roberto Carlos Félix de Andrade (Bitico), Dirlei Ribeiro dos Santos, Jadir Félix Cardoso, Luciano Teixeira Neto (Nando), Desuito Soares Pereira (Edu) e Carlos Magno Lima da Silva; respectivamente, presidente, vice-presidente, 1º tesoureiro, 1º secretário, 2º secretário, 2º tesoureiro e conselho fiscal.

⁴³ Em decorrência dos conflitos advindos da insatisfação dos latifundiários, impedidos pelos seringueiros, em nome da lei, por várias ocasiões, de efetuarem desmatamentos com o objetivo de caracterizarem suas ocupações, na guerra pela propriedade da Amazônia, Chico Mendes foi assassinado por um pistoleiro em 22 de dezembro de 1988.

⁴⁴ Os donos de barcos industriais são chamados de armadores.

⁴⁵ Como também, os grandes pescadores do município vizinho de Cabo Frio: “os pescadores das cidades próximas, como Cabo Frio, ameaçam iniciar uma guerra contra a turma de Arraial caso continuem excluídos das águas da reserva”. BELIEL, Ricardo. O Arraial e o mar. In, Os caminhos da Terra: viagem – natureza – ecologia, ano 6 n.º 10, Edição 66. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Azul, outubro de 1997. págs. 82-89.

pescador José Maria de Carvalho, ou simplesmente “Zézinho”, principal líder dos profissionais nativos.

Para além dos problemas externos, entre os pescadores do Cabo, com a implantação da RESEX, tornou-se explícita a ausência de uma identidade comum: se o objetivo da reserva extrativista é garantir a exploração dos recursos marinhos apenas por pescadores artesanais⁴⁶ e tradicionais do lugar, nas assembleias internas foi muito difícil encontrar, para os mesmos, definição. É que, devido à proliferação de identidades possíveis, por conta dos mecanismos de mudança social que foram acionados no local, ninguém mais sabia dizer quem era realmente o pescador tradicional do Cabo. O principal problema interno, para eles, era distinguir, nesse imenso mar de migrantes, quem poderia ser considerado “minhoca da terra”, e assim realizar sua própria adscrição.

Com relação ao problema faço referência a Fredrik Barth⁴⁷, ao caracterizar, como membro de um grupo étnico, quem se inclui ou é incluído nele pelos outros. Tal qual os grupos étnicos, os pescadores do Cabo, de modo genérico, também compõem uma forma de organização social onde são incluídos por outros, como Paulo Augusto Braga, superintendente estadual (RJ) do IBAMA, que proferiu o seguinte depoimento em uma reunião, a propósito da RESEX, no Centro Cultural Manoel Camargo:

“— Arraial do Cabo foi o único município fluminense a ter regras legais para a pesca, por isso a criação da reserva aqui não foi à-toa. A gestão dos pescadores sobre a reserva é um modo de preservar sua cultura, ou seja, a Reserva Extrativista de Arraial do Cabo foi feita para os pescadores tradicionais, que são mais de 3 mil.”

Estas regras legais, como vimos no primeiro capítulo, são as pescarias, e o interlocutor sugere que os pescadores tradicionais do lugar tem uma cultura própria, e

⁴⁶ Segundo Britto, as tipologias que classificam a pesca como “artesanal” ou “industrial” são inteiramente alheias às representações dos próprios pescadores. BRITTO, 1999. pág. 44.

Bem, me pareceu que quanto a pesca industrial, os pescadores sabem dizer o que ela é e como ela se distingue da pesca local, mas em relação a palavra artesanal demonstraram alguma confusão sobre seu significado, pois, quando utilizei o termo me referindo diretamente a este ou aquele pescador, alguns responderam que eram pescadores profissionais, como se entendessem o artesanal como amador. Na realidade novas palavras estão sempre sendo inseridas no vocabulário coloquial do nativo, percebi que a palavra “espécie”, por exemplo, está sendo usada atualmente por quase todos, para designar as diferenças entre peixes ou vegetais, mas em 97, quando cheguei no Cabo, utilizava-se geralmente, para a mesma finalidade, os termos “qualidade” e “variedade”.

⁴⁷ BARTH, Fredrik. Los Grupos étnicos y sus fronteras — la organización social de las diferencias culturales. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

se utiliza desta premissa para atribuir uma identidade comum a todos, em oposição aos pescadores de outros lugares⁴⁸.

Ser pescador no Cabo, por si só, aparece genericamente como uma identidade partilhada, remetida à necessidade de laços de solidariedade, saberes comuns e organização espacial, capazes de unificar em torno de lutas e conquistas por “*plenos direitos para a prática ou preservação de seus patrimônios histórico-culturais*”⁴⁹. Mas como os nativos se incluem nesta generalização? Segundo Britto⁵⁰, na época de sua pesquisa havia o seguinte dito popular no local: “*ser cabista é ser pescador*”. Vejamos o que me foi falado por alguns pescadores.

Quinzinho Torrada — pescador de rede de cerco:⁵¹

“— No meu caso ser cabista é ser pescador. Sou pescador e cabista e vivo da pesca, tem muito cabista que não vive da pesca, mas p’ra mim ser cabista é ser pescador e ponto.”

Jamil Andrade — pescador de linha ocasional:⁵²

“— Ser cabista é ser pescador porque quase todos pescam, e pescar é uma profissão como outra qualquer, só que somos criados aqui e a gente por esse motivo preserva a pesca desde criança”.

Sizenando Silva de Carvalho — pescador de linha ocasional:

“— Ser cabista não é ser pescador, tenho três filhos homens e nenhum é pescador. Mas antigamente, antes da Álcalis, todo mundo era pescador ou então comerciante, se pescava e

⁴⁸ “Temos claro que a afirmação da identidade nunca é absoluta, pois somente se faz possível na relação com outras identidades”. LISBOA, Armando de Melo. Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza: o jeito manezinho de ser. In, Ilhas e sociedades insulares. Organização de Antônio Carlos Diegues. São Paulo: NUPAUB/USP, 1997.

⁴⁹ RUBEN, Guillermo Raul. A teoria da identidade na antropologia: um exercício de etnografia do pensamento moderno. In, Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem. Organização de Mariza Corrêa e Roque Laraia. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992.

⁵⁰ BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. Modernidade e tradição: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo/RJ. Niterói: EDUFF, 1999. pág. 41.

⁵¹ A pescaria de cerco consiste, como o nome indica, em cercar um cardume de peixes na beira da praia, com este objetivo são usadas canoas de herança indígena feitas de um só tronco e medindo entre 6 e 12 metros de comprimento, redes de 180 braças e um conjunto de nove pescadores, que recebem o título de companheiros, assumindo as seguintes posições: mestre, vigia, proeiro, contra proa, contra ré, ré, cabeiro, corticeiro e chumbeiro.

⁵² Pescar de linha, quando não é em um bote, como no caso dos entrevistados, consiste em pescar com os famosos caniços, ou, preferencialmente com as mãos livres, na beira das praias e nos costados dos morros, com uma linha de náilon entre 100 e 120 mm. e algumas iscas, quase sempre peixes chamados paratis, que devem esconder os anzóis de cerca de 8 a 10 cm, mas que variam de acordo com o tamanho dos peixes desejados para a captura (normalmente anchovas). Este tipo de pescaria exige também um carregador de madeira (um galho descascado e reto com aproximadamente 1.20 de comprimento, com encaixe de sulcos ou pregos) onde os peixes capturados são pendurados por um fio de metal grosso e flexível (que traspassa entre a boca e a guelra, formado um cacho de peixes), com o objetivo de transporte.

negociava. Naquela época não tinha outra coisa p'ra fazer, agora tem.”

Edilson Andrade — pescador de rede de cerco:

“— Olha, eu sou cabista e sempre me reconheci como pescador. Meu pai é cabista e pescador. Tenho um filho de 18 anos que eu faço tudo para não ser pescador⁵³. Tudo o que eu tenho foi ganho na pesca, foram vinte e três anos e pouco na pesca industrial e hoje estou na artesanal, a única coisa que sei fazer é pescar, então é isso aí.”

Joaquim Torrada — pescador de rede de cerco aposentado:

“— Acho que não né, ser cabista é ser naturalmente cabista, ser pescador é diferente, tem muita gente de fora aí que é pescador e não é cabista. A maioria dos cabistas antigos pescam, quase todos. Já os novos não, só alguns. Tem muito cabista que não sabe o que é pescaria e ser pescador é viver exclusivamente da pesca⁵⁴. No passado, na época das ruas de areia, não se tinha outra coisa p'ra fazer e ser cabista era ser pescador.”

João Bagunça — pescador de rede de traineira:⁵⁵

“— Ser pescador é conhecer os peixes, é saber consertar e fazer redes e cabos, é conhecer a monção, a temperatura da água e as correntes, quanto mais distante você for pelo mar, quanto mais lugares diferentes você conhecer, quanto mais técnicas diferentes de pesca você tiver, mais você é pescador. Quem só pescou em Arraial não é pescador, porque pescador daqui é de beira de praia, não conhece nada de pesca, fica com um pano encardido fazendo sinal em cima do morro p'ra pegar o peixe quando ele chega, p'ra mim, ser pescador é correr atrás do peixe.”

⁵³ A grande maioria dos pescadores do local, embora digam que gostam de sua profissão, insatisfeitos com os resultados das pescarias, não desejam que seus filhos sejam pescadores, preferindo que os mesmo estudem e encontrem outra profissão.

⁵⁴ O que parece ser um critério mais rígido do que o elaborado pela SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca) que diz, no Art. 26 “— Pescador profissional é aquele que, matriculado na repartição competente segundo as leis e regulamentos em vigor, faz da pesca sua profissão ou meio principal de vida.” Decreto-Lei n.º 221 – de 28 de fevereiro de 1967.

⁵⁵ A pesca de rede de traineira é realizada com barcos motorizados que variam de comprimento, sendo que o maior do Arraial do Cabo possui apenas 10,5 metros, segundo Fábio Fabiano do IBAMA. A quantidade de companheiros de pescaria vai variar de acordo com o tamanho do barco (no Arraial em média tem 10 companheiros) e o comprimento da rede em média é de 500 braças.

Pode-se observar que selecionei as falas de 2 pescadores de rede de cerco, 2 pescadores de linha, 1 pescador de rede traineira e 1 pescador de rede de cerco aposentado. Meu propósito nesta seleção foi o de ressaltar as distinções internas, não só entre “*ser cabista e ser pescador*” mas também, entre o que se considera como pescador. Para os 2 pescadores de rede de cerco, constata-se que ser cabista é ser pescador, enquanto que os pescadores de linha apresentam opiniões diferentes, para o primeiro, ser cabista é ser pescador, para o segundo atualmente não, mas concorda com a premissa se remetida ao “antigamente”, para o pescador de rede de cerco aposentado, ser cabista é ser nato do Cabo e “*ser pescador é viver exclusivamente da pesca*”, enquanto o pescador de rede de traineira desqualifica, como pescador, todo e qualquer cabista, que pesque somente dentro do cinturão pesqueiro local, incluindo principalmente, nesta exclusão, todos os pescadores de rede de cerco. Explicita-se assim, que cada profissional, das diferentes modalidades de pesca⁵⁶, tem seu próprio conceito do que seja ser pescador⁵⁷ e, que a pesca não é mais associada, pelo menos de modo genérico, a uma profissão de caráter típico.

Voltando ao tema de como os pescadores se identificam a si mesmos, compondo uma categoria de distinção, ou seja, me remetendo novamente ao que foi dito por Barth⁵⁸, avaliei a identidade como categoria de interação⁵⁹, através de minhas observações do decorrer dos processos de organização que encontrei inicialmente, por conta da RESEX, durante as assembleias dos pescadores, posto que deste modo dei início a minha pesquisa.

Foi a seguinte adscrição realizada por eles, na assembleia do dia 15 de julho de 1997:

“pescador tradicional de Arraial do Cabo é o cidadão que efetivamente vive da pesca artesanal (seja de linha, rede de lanço,

⁵⁶ Existem em Arraial do Cabo nove modalidades de pesca diferentes, são elas: rede de cerco de traineira, arrastão de praia ou rede de praia, rede de armar, linha de fundo, corrico, espinhel, mergulho, puçá e tarrafa. Sendo que o maior número de pescadores são encontrados na rede de arrasto de praia e na linha de fundo. A pesca oceânica no município de Arraial do Cabo – Elementos Sócio-Econômicos. INSTITUTO ACQUA/PETROBRÁS, PROLAGOS. Equipe técnica: Liamar B. Cerutti (economista) e Paulo Ribeiro (sociólogo), 1992.

⁵⁷ De modo que é um equívoco dizer que antes da RESEX não existiam conflitos referentes a utilização dos mesmos espaços marinhos, pelos diferentes profissionais, relacionados as diversas modalidades de pesca existentes no local, como li na seguinte frase: “os pescadores e os mergulhadores conseguiam conviver em harmonia e sem atritos, cada um respeitando o seu espaço, até o dia que foi aprovado, através da Portaria n.º 17-n, de 18 de fevereiro de 1999, do IBAMA, o Plano de Utilização da Reserva Extrativista (RESEX), elaborado pela AREMAC (Associação da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo)”. MURGEL, Célia. IBAMA, AREMAC, ATAC e prefeitura discutem o futuro da reserva extrativista. In, Scuba, ano IV, n.º 32, 1999.

⁵⁸ BARTH, 1976.

⁵⁹ Pensando numa interação baseada no me ver no outro, e ver o outro em mim.

traineira ou mergulho). Ele ainda deve cumprir duas exigências: morar na cidade (no mínimo a 10 anos) e votar na cidade (no mínimo a 5 anos)⁶⁰. O cumprimento destas (exigências) garante, segundo consenso unanime dos pescadores presentes, o direito de fazer uso da Reserva Extrativista, de votar e ser votado em suas Assembléias.”

Observei então que os migrantes são absorvidos pelos natos, desde que submetidos a um período mínimo de convivência, e se comprometendo com a participação nas eleições. Aliás, não é apenas isto, os migrantes incluídos parecem ter também se inserido dentro dos padrões de vestimenta⁶¹, além de estarem compartilhando expressões orais características (gírias)⁶², sendo chamados por apelidos, desconfiando dos administradores das instituições públicas e do presidente da colônia de pesca, em situações de conflito usando sua própria lei sem mediação legal⁶³ e principalmente, compartilhando o estigma de marginal diante de outros segmentos profissionais⁶⁴. Aliás, para migrantes, o estigma de marginal é ainda mais ressaltado, acredita-se que muitos são bandidos que se escondem nos barcos, para fugirem de penas a serem cumpridas, destacando-se neste caso a pesca nas embarcações a motor, da Praia dos Anjos, onde o pescador passa mais tempo no mar do que na terra.

Diegues⁶⁵ explicita, em seu trabalho de campo, que o fenômeno de migrantes, que se tornam novos pescadores, pode ser encontrado também em Ubatuba, e em outras cidades do litoral paulista, e que lá também os de fora, que entraram na pesca

⁶⁰ No Cabo existem 53 seções eleitorais onde votam 18.075 eleitores.

⁶¹ Com bermudas, camisas de malha e chinelos de dedo, a roupa sempre se revela simples e humilde, independentemente da condição financeira.

⁶² Como por exemplo: “cala boca”, que quer dizer, concordo com você; “dar um três malho”, que quer dizer, procurar em toda parte, etc.

⁶³ Clastres comenta em seu trabalho, sobre as sociedades contra o Estado, que nelas “a *palavra chefe não tem força de lei*”, pois não se permite que o “chefe” tenha autoridade política, cabe a ele servir a sociedade sem nunca impor o seu próprio desejo, posto que, se procedesse de modo a atender suas demandas pessoais perderia a posição. CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. pág. 144-145.

Os pescadores do Cabo alegam que o motivo de não terem confiança em relação as pessoas que ocupam cargos políticos, ou institucionais, é o fato de, em geral, elas visarem o atendimento dos seus próprios interesses, não sendo, por assim dizer, dignas de crédito, todavia, acreditam que os mesmos tem obrigações de lhes prestar favores.

⁶⁴ Tais características servem como “sinais distintivos” de identificação entre pescadores. E não só isso, “a escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal depende dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem poder se opor, por definição, a outros de mesmo tipo”. CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense/Ed. Da Universidade de São Paulo, 1986. págs. 87-100.

⁶⁵ DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

local, são considerados briguentos e mesmo jagunços. Porém, o mais importante é levar em consideração que é o domínio dos saberes da profissão o principal elemento distintivo entre pescadores e não pescadores. Assim, a partir de um período de experiência, mesmo que longo, qualquer pessoa pode se tornar um pescador.

Agora, a propósito da RESEX, já sabemos como os pescadores são identificados genericamente por outros, como se identificam como categoria profissional e o como cabistas. São múltiplas as nuances referidas aos parâmetros para estabelecer cada limite deste outro (que chega e vê de fora) e deste eu (que nasce e vive no Arraial do Cabo). Obviamente os consensos não são tão simples para serem obtidos sem conflitos⁶⁶. Não me dedico a analisar a ocupação dos espaços de pescaria, há no trabalho de Britto⁶⁷ considerações sobre este tema, nem tão pouco avalio aqui as disputas referentes a eles por conta da RESEX. Minha preocupação foi registrar que os costumes nativos foram depreciados, e que por assim dizer, a tradição local foi desvalorizada após ser submetida às injunções de mudança que ocorreram depois da implantação da CNA, posto que este objetivo apareceu como uma preocupação deles. Para mim parece óbvio que tal interesse está relacionado com a RESEX, registrar a tradição do ofício de pescador, e do próprio povo cabista, legitima as atuais aspirações de viver da pesca e ser reconhecido como administrador extrativista secular de *fato* e de *direto*⁶⁸.

As diferentes modalidades de pescarias continuam organizadas em companhias, que representam associações entre companheiros solidários, mesmo que estas não sejam mais necessariamente expressões de relações de compadrio, como

⁶⁶ Aliás, os cabistas sempre viveram em conflito, especialmente os motivados por diferenças étnicas.

⁶⁷ É importante dizer que, desde o trabalho de campo realizado por esta autora, na década de 80, sobre os espaços de pescarias, eles também sofreram alterações, principalmente referidas a escassez de cardumes para a pesca de cerco, ou arrasto de praia. Existem atualmente pontos nas praias que tem nome (Marimbondo, Mangue, Tabu Soário, etc.), na época de Britto, tais referências nominais eram “marcas de pescarias”, e tinham a função de determinar onde se podia jogar a rede para pegar os cardumes que se aproximavam, ou seja, mesmo que os pescadores identificassem uma “manta” de peixes só era admissível capturá-la se ela estivesse dentro dos pontos autorizados, caso contrário passava-se o dia de braços cruzados, vendo os peixes passarem. A lógica dos marcos era impedir que houvesse desfavorecimento de qualquer companhia que fosse, pois o objetivo comum era impedir que a captura de um cardume próximo espantasse um outro que estivesse se aproximando. Hoje, não existem mais os fartos cardumes e, pode-se dizer assim que, graças à pesca do arrastão industrial, as marcas de pescaria perderam sua função original, de modo a se tornarem apenas lugares nas praias.

⁶⁸ De direito por conta do plano de utilização da RESEX ser elaborado por uma associação de profissionais determinados a regular as ações comunitárias, referidas à pesca, legalmente, ou seja, juridicamente; e de fato por costume, ou seja, entendendo “por ‘costume’ o caso de um comportamento tipicamente regular que é mantido dentro dos limites tradicionais *unicamente* por seu caráter de ‘habitual’”. WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1, 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. págs. 215-219. Grifos do autor.

um dia foram⁶⁹. Para ser um profissional da pesca se impõe simplesmente o saber pescar, o que não quer dizer que para tanto seja necessário ser nato do local, mesmo sendo comum encontrar aqueles que afirmem que “*ser cabista é ser pescador*”, entre os que incorporaram para si o insulamento não só geográfico, mas subjetivo⁷⁰.

⁶⁹ “Essas formas tradicionais se revelaram adequadas para o uso sustentado dos recursos naturais durante largo período de tempo. Esses sistemas complexos somente existiram pela existência de um conjunto de regras e valores consuetudinários, através da ‘lei do respeito’, e de uma teia de reciprocidades sociais onde o parentesco e o compadrio são relações importantes.” DIEGUES, Antonio Carlos Santa’ana. Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995. pág. 235.

⁷⁰ Existem pescadores natos da Praia Grande que ficam anos sem irem até a Praia dos Anjos, o que chama a atenção principalmente pelo fato de uma praia estar, no ritmo do meu caminhar, a quinze minutos uma da outra. Há também, entre as mulheres, de mais idade, as que nunca foram em praia alguma.